

AS POSSIBILIDADES DA PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE: ATIVIDADE PRÁTICA ACADÊMICA

Ana Luiza Toaldo Nardi¹
André Marcos Spiecker Gasparin²
Bruna Lunardi Belegante³
Jaqueline Fabbi⁴
Aline Bogoni Costa⁵

RESUMO

No presente trabalho apresentam-se compreensões construídas por acadêmicos da quinta fase do Curso de Psicologia, no componente de Psicologia Escolar, realizadas a partir de observações e entrevistas em uma Universidade da Terceira Idade. A proposta da atividade ora descrita foi a inserção nesse campo de atuação profissional, possibilitando aos acadêmicos a prática de elaboração de diagnóstico e formulação de possibilidades de estratégias de intervenção. Realizaram-se cinco observações nas/das aulas e entrevistas com coordenadores do projeto. A partir dessas compreensões, explicadas com embasamento teórico acerca da educação de adultos, acredita-se ser possível criar estratégias para qualificar a forma de ensino-aprendizagem de cada instituição.

Palavras-chave: Psicólogo escolar. Educação. Terceira idade.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho visa-se ao desenvolvimento de um projeto de observação e propostas de intervenção do componente curricular Psicologia Escolar, do quinto período do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Os programas educacionais, sociais e de saúde direcionados aos idosos buscam promover um envelhecimento equilibrado, bem-sucedido, em que os declínios causados pela própria idade possam se contrapor aos benefícios obtidos pela participação nas propostas ofertadas (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012). A universidade da terceira idade é uma alternativa para aqueles que optam por procurar conhecimento acadêmico após os 60 anos. Diante disso, para conhecer a prática da educação continuada para idosos, optou-se por uma Universidade da Terceira Idade enquanto projeto de extensão de uma Instituição de Ensino Superior do Extremo-Oeste de Santa Catarina.

As aulas do curso acontecem nas quartas-feiras à tarde, com duração média de três horas. A grade do curso abrange temas diversos, como saúde, administração, culinária, turismo, lazer, entre outros. No presente momento, a Universidade possui cinco turmas, que integram alunos moradores da região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Foram realizadas cinco observações em duas turmas. Os estudantes/observadores puseram-se em duas duplas, as quais acompanharam fixamente uma mesma turma, sendo uma delas a primeira turma do projeto e a outra que se encontra na metade do curso, além de entrevistas com professores, coordenadores e alunos que falaram sobre sua experiência com a aprendizagem na melhor idade.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; ana.nardi@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; andrespiecker@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; bruna_lunardi25@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; jaque_fabbi@live.com

⁵ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora e pesquisadora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; aline_bogoni@yahoo.com.br

Por meio das entrevistas e observações, elaborou-se um diagnóstico, seguido de possibilidades de aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem na Universidade da Terceira Idade investigada.

2 DESENVOLVIMENTO

Nossos primeiros contatos e socializações ocorrem ainda na primeira e na segunda infâncias. A partir da Lei n. 12.796, de 04 de abril de 2013, todas as crianças a partir dos quatro anos de idade têm direito à educação escolar gratuita, desde então, até os 17 anos, o ensino básico é obrigatório. Nessa fase do desenvolvimento humano são notáveis os aprendizados nos diversos âmbitos da vida; a neurociência possui muitos estudos sobre neuroplasticidade e processos de aprendizagem na infância e adolescência. Mas será que nossas possibilidades de aprendizagem se restringem a essa fase específica de nossa vida? Conforme Reis, Petersson e Faísca (2009, p. 2):

A demonstração de fenômenos de plasticidade cerebral baseou-se, durante muito tempo, em estudos realizados com animais, sendo, nos humanos, limitada ao estudo de crianças nas primeiras fases do desenvolvimento. No entanto, o desenvolvimento recente de diversas técnicas de imagem cerebral tem permitido investigar populações particulares e assim, ilustrar fenômenos de neuroplasticidade em diferentes períodos da vida e enquadrados em aprendizagens específicas. Estas investigações recentes têm revelado que o cérebro adulto pode mudar adaptativamente a sua estrutura (plasticidade anatômica) e a sua organização funcional (plasticidade funcional) em resposta às experiências diárias.

Assim, a neurociência comprova que indivíduos adultos idosos não estão à mercê da incapacidade de adquirir novos aprendizados, e possuem condições biopsicossociais para novas aquisições, demonstrando demanda por oportunidades de novos aprendizados e experiências, como verificado na entrevista com a coordenadora do curso de extensão Janes T. C. Köhnlein, que apontou que a procura de vagas aumentou substancialmente desde o segundo semestre do programa, considerando que atualmente há 11 turmas ativas em diversos municípios da região.

Estudos trazem a informação de que a população idosa é a que mais cresce no Brasil. É preciso pensar, discutir e propor melhorias e oportunidades a essa faixa etária, sabendo que atualmente não há muitos espaços de inclusão para idosos, é preciso refletir a respeito do assunto. Costa e Soares (2009, p. 102) questionam:

Há reconhecimento para as pessoas na condição de aposentadas? Witczak (2005) afirma não se falar em mundo da aposentadoria como espaço socialmente reconhecido, mas simplesmente em aposentados. Devido a essa falta de 'lugar', os aposentados habitam 'lugares' inexistentes ou não-reconhecidos.

De acordo com Batistoni et al. (2015), a primeira experiência brasileira de educação para idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo, em 1960. O projeto visava ao desenvolvimento de potencialidades, novos projetos de vida e estimulava a participação do idoso na família e na comunidade. O espaço propiciou também a oportunidade de fortes interações sociais e melhor qualidade de vida aos envolvidos.

Além dos programas de Universidade da Terceira Idade existem Grupos de Idosos espalhados pelo País que contribuem para uma melhor qualidade de vida na velhice. Por meio dessas convivências, dinâmicas, danças e jogos, o idoso vai interagindo e socializando, permitindo um espaço de apoio para a promoção da qualidade de vida e superação das dificuldades. Ao longo do processo desses espaços de convivência, o idoso vai encontrando novos significados em sua vida, processando novas informações que buscam suas potencialidades, reconhecimento e aprendizado com suas limitações (WICHMANN et al., 2013, p. 3).

2.1 TRABALHANDO COM A PSICOMOTRICIDADE NA TERCEIRA IDADE

Independente do momento da vida, o ser humano busca autonomia, e isso não é diferente na terceira idade, visto que a autonomia e a independência contribuem para a melhoria da saúde dos indivíduos. A Universidade da Terceira Idade contribui, de modo geral, para a manutenção desta, oferecendo conhecimento e subsídios para uma adaptação às suas necessidades (UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA, 2017).

Quando se fala em autonomia, refere-se à autonomia financeira, social, física, enfim, todas as possibilidades de ser autônomo. Entre essas possibilidades, uma muito importante é a psicomotora. Para Ferreira (2000 apud TEIXEI-

RA SILVA, 2015, p. 15), “A Psicomotricidade é uma ciência do ser humano, interdisciplinar, que se preocupa com as condutas psicomotoras, melhoria e aprimoramento de si e eficácia nas ações da vida diária, que visa à manutenção das capacidades funcionais.” Para Pontes (2004 apud TEIXEIRA SILVA, 2015, p. 15), a psicomotricidade “poderá mostrar-se como uma mais-valia nesta população, útil na prevenção e tratamento, na melhoria da sua motivação e qualidade de vida [...]” Com o avanço da idade adulta é comum que ocorra um declínio dessas funções, entretanto, elas podem ser postergadas se houverem condições favoráveis.

A ergomotricidade é o termo que se refere ao ligamento entre a ergonomia e a psicomotricidade, conceitos relacionados principalmente à fisioterapia e tema debatido no XII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade, no Rio de Janeiro, em 2013. De acordo com Verthein e Minayo (2000 apud RIBEIRO, 2013, p. 46), a ergomotricidade é “uma aplicação da psicomotricidade no campo da ergonomia”, como uma nova abordagem aos problemas ocupacionais.

Para Couto (1996 apud RIBEIRO, 2013, p. 46) também é descrita como “o mecanismo de compreensão do homem de uma forma mais global na sua relação com o trabalho.” Nas observações, principalmente das aulas de informática, perceberam-se dificuldades em lidar com o mouse e instrumentos que exigem habilidade motora fina; a partir dessa demanda, a ergomotricidade vem contribuir para que adaptações possam acontecer, considerando que a consciência do próprio corpo e sua relação com o meio produzem bem-estar, consequentemente facilitando os aprendizados e a interação com o outro e com o meio.

Por meio das observações, pode-se notar a maneira que os idosos prezam por atividades corporais, desde dança, hidromassagem até brincadeiras infantis conhecidas em nossa região, como “morto vivo” e “escravos de Jô”, compreendendo que estas se estendem muito além do campo físico, pois abrangem outros âmbitos, como o psíquico. Dessa maneira, foi necessário adaptar as dinâmicas e jogos à realidade do idoso (RABELO; NERI, 2013, p. 57).

Ribeiro (2013, p. 47) afirma, ainda, a respeito da ergomotricidade: “Ela irá constituir-se por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que, utilizando o corpo como mediador permite abordar o ato motor humano com o intuito de favorecer a integração do sujeito consigo e com o mundo.”

Identificar seu corpo como um “mediador” significa a superação das atividades que facilitam a integração do meio com o sujeito, ou seja, são importantes para desenvolver o processo de conhecimento corporal beneficiando suas potencialidades e descobertas mediante as ações movidas corporalmente.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE FAMILIAR PARA IDOSOS

O número de idosos no país vem aumentando e com eles um aumento na expectativa de vida, influenciando as configurações do País a respeito dessa população, fato que possibilitou a garantia de boas condições para um melhor desenvolvimento da velhice (WICHMANN et al., 2013, p. 2).

Em razão da idade avançada, muitos idosos enfrentam fragilidades que podem acentuar sentimentos de dependência, insegurança, baixa autoestima e preocupações. Entre essas alterações, a dependência é a mais comum, em que gera a necessidade do outro como cuidador, papel exercido geralmente pela família na cultura ocidental.

Alguns estudos apontam a ocupação de cuidador de idosos como uma atividade exercida predominantemente dentro do setor informal de trabalho, por alguém da família e do sexo feminino (SILVA, 2004; BREWER, 2001; GARRIDO; MENEZES, 2004). No estudo desenvolvido por Karsch (2003), 92,9% dos cuidadores entrevistados eram do sexo feminino, sendo que a maior parte era formada de esposas (44,1%), seguidas pelas filhas (31,3%). A faixa etária encontrada nessa população era a seguinte: 59% dos cuidadores estavam acima de 50 anos e 41% tinham mais de 60 anos. Além disso, os dados também mostraram que 39,3% de cuidadores, entre 60 e 80 anos, cuidavam de 62,5% de pacientes da mesma faixa etária, o que mostra que pessoas idosas estão cuidando de idosos. (RESENDE; DIAS, 2008, p. 791).

O conceito de família não permanece estático e inalterado. Ao longo dos tempos, apresentam-se variadas concepções, indo do mais simples núcleo familiar ao mais complexo. A constituição familiar tem mostrado versatilidade ao se adaptar e sobreviver a esses momentos de mudança. Entretanto, com essa flexibilidade, políticas públicas devem dar voz à abertura de novos processos e programas voltados para a velhice, não sobrecarregando unicamente a família (RESENDE; DIAS, 2008, p. 793). As instituições devem complementar a família, ajudando-a com amparo social e

cuidados com a saúde. Nas observações foi identificado o papel das famílias como motivadoras para que os idosos ingressassem no curso, constatando, assim, a sua necessidade de apoio da família.

O estigma do idoso remete a um “peso”, “problema” e “algo descartável” por nossa sociedade. Suas experiências e vivências como pessoa são vistas como passado, e o seu futuro é a morte. Essa imagem associada ao idoso condiciona a um cenário de solidão, vivenciado por muitos em asilos ou dentro de suas próprias famílias, perspectiva que tende a mudar com a ocupação de mais espaços por esse público (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2010, p. 60).

A morte é considerada como parte constitutiva da existência humana. É, sem dúvida, uma das poucas coisas de que temos certeza e sua imprevisibilidade obriga o ser humano a conviver com a sua presença *in memoriam* desde o início ao estágio final do seu desenvolvimento. (SILVA et al., 2007).

O envelhecer faz com que os indivíduos vivenciem perdas bastante significativas, considerando que estes, ao passar por um processo de luto, ficam extremamente fragilizados. Os idosos já possuem uma bagagem de vida em contextos diferentes, e o luto, nessa fase, constitui-se um processo diferente e que necessita de suporte. Tendo consciência de que a finitude os aproxima, muitos idosos temem a morte, exacerbando ainda mais a importância da vida em suas falas.

Assim, entende-se que trabalhar com o luto e com a morte é uma grande necessidade nesse contexto, visto que muitos dos idosos observados ultrapassam os 70 anos de idade e poucos obtiveram oportunidade de vivenciar um acolhimento.

2.3 MÉTODO

O método utilizado foi empírico e qualitativo, utilizando processo de observação do espaço-alvo. A observação ocorreu na Universidade da Terceira Idade, acompanhando as turmas 4 e 2 em três quartas-feiras (26/04, 10/05 e 24/05, do ano 2017), nas aulas de informática, oficina da memória e educação física. Dividiu-se o grupo em duplas, e, desse modo, cada dupla observou uma turma, tendo como justificativa observar a mesma turma em diferentes aulas e buscar uma percepção mais fidedigna das características apresentadas por esta e pelo contexto. Realizaram-se cinco observações ao todo nas/das aulas e duas entrevistas com a coordenada do projeto, uma entrevista com o intuito de conhecer a Uniti e planejar as observações, e um último encontro para realizar uma devolutiva do trabalho desenvolvido.

Buscando não interferir na aula, porém, tendo conhecimento de que “alguns métodos de pesquisa [...] supõem um mínimo de co-gestão, co-participação, entre objeto e pesquisador.” (LOURAU, 1993, p. 55), a observação ampliou-se e em todas as ocasiões se atuou e se interagiu com professores e alunos. Na aula de Informática a interação com os alunos circundou a orientação e a troca de conhecimento sobre dificuldades vivenciadas no aprendizado do manejo dos computadores e da internet. Nas aulas de Educação Física e Oficina da Memória os observadores interagiram na troca de informações e participação nas atividades “escravos de Jô” e “morto vivo”.

A proposta da atividade descrita foi a inserção no campo da Psicologia Escolar, possibilitando aos acadêmicos a prática de elaboração de diagnóstico e formulação de possibilidades de estratégias de intervenção.

2.4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E DIAGNÓSTICO

Os pontos mais relevantes e percebidos nas observações foram a ênfase na discussão em grupo, isto é, na troca de conhecimentos na construção da aula, e, assim, opõem-se à característica receptor passivo na aprendizagem.

A motivação sustenta uma relação entre aprendizagem e desempenho, dessa maneira, o desenvolvimento das aulas vai se moldando e apresentando sentido e crescimento, visualizando esses elementos com base nas análises dos estudantes, que demonstraram estar motivados, apresentando vontade e foco nas aulas. Com destaque para essas duas características, grande foco e vontade de aprender, verifica-se que são aspectos centrais na individualidade desse curso por parte dos alunos. No entanto, em alguns momentos se questionou a respeito da escolha dos temas abordados em sala de aula. A partir da conversa com alguns acadêmicos, houve relatos sugestivos a novas possibilidades de componentes curriculares.

Com filtro para os aspectos mais observados nas aulas, a seguir se apresentam, individualmente, as características que mais se destacaram em cada aula observada.

Nas duas aulas de informática acompanhadas, o que se destacou foram a persistência por aprender e o foco, demonstrando dedicação para o aprendizado. Dentro desse ambiente, pontos marcantes foram a associação com a realidade, trazendo significado para o motivo de aprender determinada ação, dando, assim, liberdade construtiva para a utilização desta, observada nos instantes de busca na ferramenta de pesquisa Google, no qual os estudantes pesquisaram receitas de bolos, tipos e propriedades de chás, etc.; suporte coletivo, em que os colegas se ajudavam e compartilhavam informações acerca do assunto; dificuldade com coordenação motora fina, no manuseio com o mouse e o teclado, por exemplo; e aprendizagem no seu tempo, visto que, por ser algo novo, alguns demoravam mais para captar, já outros haviam tido contato com essa tecnologia e mostravam avanço, assim, houve disparidade no tempo de aprendizagem.

Na aula de Oficina da Memória a particularidade foi dar voz às estudantes. O ambiente ocorreu pela disposição das mesas e carteiras, que lembravam as mesas de almoços em famílias tradicionais da região, constituindo um espaço acolhedor e que permitiu um contato mais significativo. A construção da aula ocorreu em uma ação conjunta aluno-professor, permitindo essa troca, tirando o professor de detentor do saber e colocando-o como mediador. Nessa construção a aula buscou reavivar as lembranças por meio de objetos, a atividade de contar histórias utilizou elementos concretos para seu desenvolvimento, permitindo uma conexão entre os estudantes por compartilharem histórias e objetos. Ao decorrer da atividade dois pontos chamaram a atenção: discussão do mundo antigo versus do atual, de modo tênue, porém, relevante; e a consciência de encobrimento dos doentes antigamente, como pessoas com depressão e deficiências. A observação foi finalizada com uma percepção de um todo com natural agitação e alegria.

As aulas de Educação Física já começam com a desconstrução de ideias estereotipadas dessa matéria. A aula foi ministrada na sala de aula convencional e foi basicamente teórica, envolveu e apresentou tipos de saúde e conexão entre essas ideias, trazendo pontos essenciais, como a interligação das saúdes e a necessidade e o efeito como cada uma atua no todo – ser humano. Na atividade “escravos de Jó” e na atividade modificada “morto vivo” aplicou-se o conteúdo transpassado, as quais trouxeram mais dinamismo para a aula; entremeio a matéria houve discussões sensíveis acerca de conhecimento do senso comum e questões sociais, no entanto, de forma delicada e simples. Houve também a introdução e discussão sobre IMC, alimentação e sedentarismo, conectando esses assuntos. No momento final de uma das observações o assunto autoimagem e autoestima foram abordados.

Portanto, as observações demonstraram um diferente contexto de aprendizagem, trazendo um ambiente com abertura e conhecimento para o uso cotidiano. Com aulas bem diversificadas, propuseram-se questões importantes para a vida dos idosos, caracterizando um ensino receptor não passivo, de suma importância para a motivação e a satisfação escolar, considerando a existência de sentido para a realização de um curso de extensão.

Percebeu-se quão importante e significativa é a influência da Universidade enquanto produtora de potencial para ressignificação da vida do idoso por meio dos conhecimentos adquiridos, relacionamentos sociais e possibilidades de planejar o futuro.

A aprendizagem é uma troca de interações e experiências, isto é, o modo como ocorre esse processo destaca as vivências de cada um e a sua realidade, compondo uma grade curricular que abrange questões de ensino e conhecimento palpável, dispondo a construção de conhecimento que vivem e podem utilizar no dia a dia. Outro ponto positivo é a hora de intervalo que possui um *coffee break* em duas salas, para toda a Universidade da Terceira Idade. Esse momento permite a interação entre todos os envolvidos do curso e um tempo para conversas e desenvolvimento de vínculos.

O que se percebeu em três observações, que acompanhavam a mesma turma em aulas diferentes, foi uma estrutura de funcionamento amplo, complexo e eficiente. No entanto, um ponto a se considerar, talvez, seja a comunicação vertical, ou seja, a construção de uma grade conjunta com os usuários do curso. Também se pensou em um espaço para aprimoramento de trabalho com público-alvo da terceira idade e abertura para os professores trocarem as experiências entre si.

A aula de Informática proporciona conhecimento de um novo estilo de vida e ferramenta mundial, no entanto, não permite muita interação e troca de conhecimentos, assim a atmosfera da aula foi a mais diferente em comparação com as duas outras aulas observadas. A conexão com a aula e até mesmo a participação e o aprendizado eram outros. Entretanto, essa característica não é necessariamente um ponto negativo, já que a Informática foi a única matéria, entre as observadas, que eles não tinham um conhecimento abrangente e decisivo na construção da aula, dessa forma, esta se apresenta como receptor passivo e a que apresentou maior dificuldade, já que a motricidade fina e o conhecimento cristalizado não estavam adaptados. No entanto, o ambiente era de abertura a pergun-

tas e dúvidas, com o acompanhamento de alunos de Ciência da Computação para um auxílio mais individual. Percorrendo a abrangência da aula de Informática, pontos a serem reconsiderados são a flexibilidade de tempo, já que se observou a necessidade para a execução de algumas etapas da aula e a demanda que se configurou necessária por mais auxiliares.

2.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

As propostas de intervenção em Psicologia Escolar levam em consideração os aspectos descritos anteriormente, assim como as observações realizadas pelos autores do artigo e a revisão teórica. Apresentam-se as seguintes propostas:

Quadro1 – Propostas de intervenção

PROPOSTA	DESCRIÇÃO	APLICAÇÃO
Plantão Psicológico	Atendimento psicológico, podendo ser ofertado por estagiários das fases finais do Curso de Psicologia, ou ser aplicado na matéria do Estágio Básico VI; quando percebida demanda maior, o indivíduo será encaminhado para o SAP ou Psicoterapia. Assim como em todas as fases da nossa vida, os idosos também passam por processos e por questões de sua psique que necessitam de cuidado e atenção. A implementação de um plantão psicológico dentro da Universidade da Terceira Idade teria como objetivo atender às necessidades emergentes da vida deles como: situações de estresse, desafios, sentimento o qual o indivíduo não está conseguindo entender, entre outros. Portanto, o plantão viria a acrescentar na vida acadêmica e pessoal dos idosos.	Psicólogos se fazem presentes ao menos uma vez ao mês ou o dia todo na Universidade para atender a essa demanda, podendo-se estender esse campo para estágios finais do Curso de Psicologia.
Terapia de Grupo para Trabalhar o Luto	Tendo em vista que a tendência lógica do envelhecer também é passar por perdas significativas, essa proposta vem complementar a grade curricular dos acadêmicos. Muitos dos idosos são viúvos e perdem pessoas importantes. Sabendo da importância de uma rede de apoio forte e estruturada para suportar os empecilhos da vida, uma terapia do luto em grupo vem acalantar a dor da perda e a compreensão da morte na idade tardia.	Essa proposta é aplicada por um profissional da Psicologia com especialidades no trabalho do luto.
Psicomotricidade Fina e Ergometria	Durante as observações das aulas, principalmente de informática, percebeu-se a dificuldade dos idosos em trabalhar com ferramentas de precisão, como o mouse e o teclado, por exemplo. Tendo em vista o histórico de vida de trabalhos manuais e de contextos históricos que esses idosos viveram, visualiza-se a dificuldade do manuseio de ferramentas modernas. Essa proposta resume-se em dois pontos principais: a aquisição e implementação de aparelhos mais funcionais para idosos, e uma unidade curricular de fisioterapia que irá potencializar o manuseio e a psicomotricidade fina.	Para essa proposta, faz-se necessário um Técnico em Segurança do Trabalho na busca por aparelhos diferenciados e adaptados. Também é necessário um profissional da área de Fisioterapia ou estudante que contribuiria com seus conhecimentos.
Seminário de Construção do Curso de Extensão	Muitos idosos relatam o interesse em continuar os estudos, dessa forma, seria importante a contribuição dos já formados e os em formação para melhorar o curso de extensão. Nesse espaço da faculdade os acadêmicos encontraram novos sentidos e novos prazeres para o seu dia a dia. Essa proposta vem sugerir um seminário, no qual todos os acadêmicos que têm interesse em continuar o curso possam se reunir e discutir uma nova grade curricular, juntamente com os gestores da Universidade da Terceira Idade, gerando, portanto, autonomia e uma grade mais aberta às reais necessidades que os acadêmicos percebem nesse momento da vida deles, possibilitando uma avaliação da instituição.	É de fundamental importância a disponibilidade de gestores em organizar uma logística e elaboração de uma comissão, constituída por pelo menos dois representantes de cada turma aberta até o momento. E assim, como em um processo simples de negociação, todos juntos construiriam uma nova grade (possibilidades de oferta por parte da universidade). É de mera importância a avaliação de satisfação e abertura para a construção de ideias e captação para o curso.
Planejamento do Envelhecimento	Essa proposta ocorre em um pensamento conjunto no planejamento do que fazer após o término dos estudos. Potencializar que eles construam juntos: onde investir esse conhecimento? Como aplicar? E como envelhecer de forma saudável com o que aprenderam? Existe uma verba destinada na prefeitura para o trabalho com idosos, no entanto, há poucos movimentos com o costume de pensar na terceira idade em nossa região, além dos tradicionais já existentes. Muitos são mantidos apenas por interesse das comunidades, visto que a verba se mantém estagnada e a comunidade é quem arca com os gastos.	Para esse processo ocorrer se pode utilizar de professores da área de Psicologia, da Saúde e também de médicos.

Fonte: os autores.

Todas estas propostas visam aprimorar o curso de extensão para as novas turmas, assim como para aqueles que realizam a colação de grau ainda este ano.

3 CONCLUSÃO

Este artigo abrangeu a demanda observada dos acadêmicos da Universidade da Terceira Idade; estes apresentam uma grande vontade de aprender e de agir no meio, além de se relacionar com pessoas fora de seu convívio rotineiro. Visto a importância do apoio e da aceitação incondicional de familiares e amigos, os idosos se demonstram satisfeitos com o serviço que lhes foi ofertado, contribuindo para a construção deste artigo.

Para que ocorra esse processo de aprendizagem, é necessário que se reconheça que com o passar da idade; os indivíduos modificam a forma de aprender, e a motivação para aprender, muitas vezes, retém um processo de troca de conhecimento e apoio. No entanto, isso não significa que esse público deve ser estigmatizado pela sociedade com a visão de um único objetivo: esperar a finitude. Assim, propor um espaço que vai além do popular “grupo de idosos” e que corrobore para uma melhora na saúde psicomotora e mental desses indivíduos é atuar no bem-estar dos cidadãos e dar abertura para aprendizagens do público-alvo.

As observações demonstram a importância da construção de uma grade conjunta – coordenação e estudantes. A necessidade de os próprios acadêmicos participarem da construção da grade curricular incluindo conteúdos que coincidem com seus interesses é relevante, em decorrência dos relatos de algumas queixas a respeito da existência de disciplinas não tão ligadas ao meio em que vivem e suas percepções.

A entrevista devolutiva com a coordenadora do programa, Janes T. C. Köhnlein, demonstra o real interesse dela com o programa e sua funcionalidade. A conversa se caracterizou pela explanação das propostas elaboradas pelos acadêmicos, pela compreensão das potencialidades destas e pela troca de ideias advindas dessas propostas.

Atenta-se para a maior participação dos estudantes de modo ativo na construção de seu conhecimento. A troca de conhecimentos e experiências é, sem dúvidas, a melhor ferramenta de aprendizado. Assim, as propostas deste artigo contribuem com a saúde mental, social e física, e principalmente propõem o desafio de se tornarem agentes de seus conhecimentos.

Para concluir, apresenta-se um breve poema de Sartre e Lévy (1992, p. 37) a respeito do “ser velho”:

Nem todo mundo me trata como velho. Acho graça disso. Por quê? Por que um velho nunca se sente um velho. Compreendo, a partir dos outros, o que a velhice implica para aquele que a olha de fora. Mas eu não sinto a minha velhice, logo, a minha velhice não é algo que, em si mesmo, me ensine alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a atitude dos outros em relação a mim. Em outras palavras, o fato de que ser velho para outrem é ser velho profundamente. A velhice é uma realidade minha que os outros sentem; eles me veem e dizem “este velho senhor”; são amáveis porque vou morrer logo, e são também respeitosos, etc.; os outros é que são a minha velhice.

The possibilities of school psychology in a University of the Third Age: academic practice activity

Abstract

The present paper work presents understandings constructed by academics of the fifth semester of the Psychology Course, in the component of School Psychology, developed from observations and interviews in a University of the Third Age. The proposal of the activity described here was the insertion in this field of professional activity, allowing the academic the practice of elaboration of diagnosis and formulation of possibilities of intervention strategies. Five observations were made in the classes and interviews with project coordinators. Based on these understandings, explained with theoretical basis on adult education, it is believed that it is possible to create strategies to qualify the teaching-learning form of each institution.

Keywords: School Psychologist. Education. Third Age.

REFERÊNCIAS

- BATISTONI, S. S. T. et al. **Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/45741>>. Acesso em: 18 maio. 2017.
- COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 97-108, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- LOURAU, R. **René Lourau na UERJ: Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- RABELO, D. F.; NERI, A. L. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20022>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- REIS, A.; PETERSSON, K. M.; FAÍSCA, L. **Neuroplasticidade – Os efeitos de aprendizagens específicas no cérebro humano**. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Alexandra_Reis/publication/50809628_Neuroplasticidade_Os_efeitos_de_aprendizagens_especificas_no_cerebro_humano/links/57222add08aee491cb32e0a9.pdf>. Acesso em: 18 maio 2017.
- RESENDE, M. C. F.; DIAS, E. C. Cuidadores de idosos: um novo / velho trabalho. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 785-800, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01037331200800040010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- RIBEIRO, O. O. P. Ergomotricidade: dialógica entre ergonomia e psicomotricidade formando vínculos no posto de trabalho. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE. VÍNCULOS EM PSICOMOTRICIDADE: O REAL E O VIRTUAL, 12., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicomotricidade, 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/9484094/Trabalhos_Cient%C3%ADficos_Temas_Livres_-Setembro_2013_-pag._1-144_1_XII_Congresso_Brasileiro_de_Psicomotricidade.> Acesso em: 30 maio 2017.
- SARTRE, J.-P.; LÉVY, B. **A Esperança Agora**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.
- SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. de C. da S. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4858>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- SILVA, C. A. et al. **Vivendo após a morte de amigos: História oral de Idosos**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a12v16n1>>. Acesso em: 22 maio 2017.
- TEIXEIRA SILVA, P. A. **Competências cognitivas gerais e independência funcional em adultos dos 60 aos 75 anos de idade**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.utad.pt/handle/10348/6632>>. Acesso em: 18 maio 2017.
- UNOESC. **Uniti e Umic**. Disponível em: <<http://www.unoesc.edu.br/portal/uniti-umic>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- WICHMANN, F. M. A. et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 821-832, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000400821&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2018.